

Robin dos Bosques encontra o forasteiro
de estatura elevada na ponte



PRÓLOGO

Onde se narra a história de Robin dos Bosques e as suas aventuras com os guardas-florestais do rei. E ainda o modo como o seu bando se uniu em volta dele, bem como as divertidas aventuras que lhe valeram o seu bondoso braço-direito, o famoso João Pequeno.

Na alegre Inglaterra, em tempos de outrora, quando o bondoso rei Henrique II regia a terra, entre as clareiras verdes da floresta de Sherwood, próximo da cidade de Nottingham, vivia um célebre foragido cujo nome era Robin dos Bosques. Nunca existiu nenhum arqueiro que conseguisse lançar a grande velocidade uma flecha com penas de ganso-cinzento com tamanha perícia e destreza como as suas, nem nunca houve homens livres como os cento e quarenta animados homens que deambulavam com ele pelas sombras dos bosques. Viviam muito alegremente nas profundezas da floresta de Sherwood, sem quaisquer preocupações ou necessidades, passando o tempo em divertidos jogos de tiro com arco e flecha ou em comba-

tes do jogo do pau, alimentando-se de carne dos veados do rei, acompanhada por rodadas de cerveja produzida em outubro.

Não só o próprio Robin como todos os membros do bando eram foragidos e viviam à parte dos outros homens, mas eram estimados por todos os camponeses das redondezas, porque nunca ninguém procurou pelo animado Robin em busca de ajuda em tempos de necessidade e se foi embora de mãos vazias.

E agora vou contar como foi que Robin dos Bosques se tornou um fora da lei.

Quando Robin era um jovem de dezoito anos, de tendões robustos e coração ousado, o xerife de Nottingham anunciou um concurso de tiro com arco e ofereceu como prémio um barril de cerveja àquele que disparasse a melhor flecha no condado de Nottingham.

— Agora — disse Robin — eu também irei, porque quero lançar uma flecha diante dos brilhantes olhos da minha amada e ganhar um barril de boa cerveja de outubro.

E assim se pôs de pé, e levou o seu bom e resistente arco de madeira de teixo e mais de uma vintena de flechas longas, e partiu da cidade de Locksley atravessando a floresta de Sherwood até Nottingham.

Foi ao nascer do dia, no bem-aventurado mês de maio, quando as sebes estão verdes e as flores cobrem os prados; margaridas malhadas, botões de flores de cuco e belas prímulas ao longo dos arbustos cobertos de espinhos; quando as flores das macieiras despontam e as doces aves cantam, a cotovia ao amanhecer, o tordo e o cuco; quando os rapazes e as raparigas se entreolham com pensamentos carinhosos; quando as donas de casa atarefadas estendem os seus linhos para branquearem sobre a erva verde radiante. Que encantador estava o bosque enquanto ele percorria os seus trilhos e quão brilhantes as verdes e rumorejantes folhas, entre as quais pequenos pássaros cantavam com toda a energia: e Robin ia assobiando despreo-

cupadamente, à medida que avançava, pensando na donzela Marian e nos seus olhos cintilantes, porque em momentos como esses os pensamentos de um jovem têm por hábito focar-se de modo agradável na rapariga a quem mais ama.

E enquanto assim caminhava em passos apressados e com um assobio jovial, deparou-se subitamente com alguns guardas-florestais que se encontravam sentados à sombra de um grande carvalho. Ao todo, eram quinze, animando-se com um banquete e bebidas, sentados em redor de uma enorme tarte de carne, da qual cada um dos homens se ia servindo, enterrando nela as mãos e empurrando o que comiam com grandes cornucópias de cerveja que todos retiravam a espumar de um barril que mantinham por perto. Todos os homens estavam vestidos de verde-lincoln, e que belo conjunto compunham, sentados na relva, sob aquela bonita árvore cujos ramos se expandiam para longe.

Então, um deles, de boca cheia, chamou Robin:

— Olá, para onde te diriges, pequeno rapaz, com o teu arco de um *penny* e as tuas flechas que não valem um tostão?

Aí, Robin enfureceu-se, porque nenhum jovem gosta de ser provocado com os seus verdes anos.

— Vamos lá ver — disse ele —, o meu arco e estas minhas flechas são tão bons quanto os teus e, além disso, eu vou para o concurso de tiro com arco, na cidade de Nottingham, que foi anunciado pelo nosso bom xerife do condado de Nottingham; lá, irei disputar, juntamente com outros bravos homens livres, um prémio de um excelente barril de cerveja, que foi anunciado.

Nesse momento, o homem que segurava a cornucópia de cerveja na mão interveio:

— Atenção, ouçam o rapaz! Mas, rapaz, o leite da tua mãe ainda mal te secou nos lábios e tu gabas-te de ir competir com homens bem constituídos nos campos de tiro com alvo de

Nottingham, quando mal consegues puxar uma corda de um arco com cerca de doze quilos?

— Eu aposto com o melhor de vós vinte marcos — disse o ousado Robin — em como acerto no alvo a cinquenta metros, com a boa ajuda de Nossa Senhora Formosa.

Ao ouvirem aquilo, todos se riram bem alto e um deles disse:

— Bem dito, meu lindo menino, muito bem dito! E também sabes muito bem que não há nenhum alvo aqui por perto a ponto de fazer essa aposta valer a pena.

E um outro gritou:

— A seguir, ele vai beber cerveja com o leite.

Ao ouvir aquilo, Robin ficou furioso.

— Prestem atenção! — disse ele. — Acolá, no final da clareira, avisto uma manada de veados, inclusive a mais de cinquenta metros de distância. Aposto vinte marcos convosco que, com licença de Nossa Senhora, faço o melhor de entre eles morrer.

— Apostado, agora! — gritou aquele que falara em primeiro lugar. — E aqui tens vinte marcos. Eu aposto que não consegues matar nenhum animal, com ou sem a ajuda de Nossa Senhora.

Então, Robin pegou no seu bom arco de madeira de teixo e, apoiando a ponta do mesmo no peito do pé, colocou as cordas direitas com destreza e, em seguida, encaixou uma flecha longa e larga, e, erguendo o arco, puxou a pena de ganso-cinzento até junto da sua orelha; no momento seguinte, a corda do arco vibrou e a flecha acelerou pela clareira como um gavião desliza num vento do Norte. Bem alto saltou o mais nobre cervo de toda a manada, para tombar morto, avermelhando o caminho verde com o sangue do seu coração.

— Aha! — exclamou Robin. — O que te parece agora este disparo, meu bom amigo? Eu sabia que ia ganhar a aposta, e são trezentas libras.

Então, todos os guardas-florestais ficaram cheios de raiva, e aquele que fora o primeiro a falar e que perdera a aposta era o mais enraivecido de todos.

— Não — gritou ele —, a aposta não é nada tua, e desaparece imediatamente ou, por todos os santos do Céu, dou-te uma sova tão grande que nunca mais vais conseguir voltar a andar.

— Não sabes — gritou um outro — que mataste um veado do rei e que, pelas leis do nosso senhor gracioso e soberano rei Henrique, as tuas orelhas deviam ter-te sido cortadas?

— Apanhem-no! — gritou um terceiro.

— Não! — disse um quarto. — Deixem-no ir embora, pela sua tenra idade.

Robin dos Bosques não disse uma única palavra, mas olhou para os guardas-florestais com um ar ameaçador; depois, virando costas, afastou-se deles, descendo a clareira da floresta. Mas o seu coração estava amargamente revoltado, porque o seu sangue fervilhava, porque era jovem e com tendência a explodir.

Agora, mais valia que aquele que falara em primeiro lugar tivesse deixado Robin dos Bosques em paz; mas a sua fúria era grande, tanto porque o jovem lhe ganhara a aposta como devido às grandes quantidades de cerveja que tinha estado a beber. E assim, de repente, sem qualquer aviso, pôs-se de pé, pegou no seu arco e encaixou uma flecha na corda.

— Sim! — berrou ele. — E eu faço-te desaparecer daqui rapidamente!

E lançou a flecha a silvar atrás de Robin.

Foi bom para Robin que a cabeça desse guarda-florestal estivesse a andar à roda por causa da cerveja que ingerira; caso contrário, nunca mais conseguiria dar nenhum passo. Assim, a flecha passou, sibilante, a poucos centímetros da sua cabeça. Depois, ele virou-se e pegou rapidamente no seu próprio arco e disparou uma flecha para trás, em resposta.